



Feridas difíceis de sarar

Passados 25 anos da inauguração da Barragem Crestuma/Lever, ainda hoje se fala do diferendo que opôs as populações das duas freguesias. A grave discórdia do nome de baptismo da infra-estrutura jamais será consensual e nunca é demais lembrar os feridos que, na década de 80, se registaram nos confrontos entre crestumenses e leverenses



Num concelho extenso, como é Vila Nova de Gaia, composta por freguesias com identidades próprias vincadas, onde as diferenças são notórias e em que o bairrismo é bem acentuado, há sempre histórias de cumplicidade que ficam, mas também diferendos difíceis de esquecer.

Pois bem, se nesta edição Crestuma e Lever estão em destaque, importa trazer a terreiro um dos principais problemas de que há memória vividos entre os habitantes destas duas freguesias vizinhas.

Foi precisamente há 25 que a Barragem Crestuma/Lever foi inaugurada. Iniciada em 1976, a obra foi da responsabilidade da então Companhia Portuguesa de Produção de Electricidade e o projecto foi executado pela Construtora do Tâmega. Em causa estava o aproveitamento hidroelétrico do rio Douro e inicialmente o local para a construção escolhido situava-se em Crestuma. Porém, por imposição do terreno, os trabalhos deslocaram-se mais para montante e colocaram Lever no mapa.

Perante tudo isto, a edificação provocou uma enorme polémica na altura, devido ao nome com que a barragem devia ser baptizada. Isso foi testemunhado na Assembleia da República, em 1986, por intervenção do então deputado comunista João Amaral. Sem soluções e no sentido de agradar às partes, a infra-estrutura passou a sustentar os nomes das referidas localidades.

Todavia, só se chegou a este entendimento depois das várias manifestações populares de ambas as partes, onde se reivindicava a propriedade dos terrenos em causa. Esta postura

leveu a que confrontos verbais e físicos fossem registados nestas bandas, que deram mesmo origem ao registo de feridos. Conta quem se lembra que se chegou a usar armas de fogo, paus e outros objectos perigosos como forma de defesa das teses apresentadas. Sem salvaguarda política, as populações de Crestuma e Lever voltaram costas e mesmo hoje há quem não admita passar a "fronteira".

Testemunhos das partes

Posto isto, o NG quis saber, pelos testemunhos dos responsáveis políticos actuais, se este diferendo está ultrapassado e esquecido. As respostas mostram o lamento por tal ter acontecido e provam que jamais deixará de figurar na memória das gentes de Crestuma e Lever.

"Não me lembro de a barragem ter sido inaugurada com pompa e circunstância, por causa das rivalidades que surgiram. Hoje, da minha parte, não há rivalidade. Acredito que há pessoas que ainda têm esse sentimento, principalmente aquelas que estiveram mais metidas nessa questão. Portanto, esta não é uma situação que me preocupe. Todavia, não posso dizer que as pessoas tenham esquecido isso completamente. Sei que há pessoas que nunca mais vieram a Crestuma e de outras que nunca mais foram a a Lever", confessa o presidente da junta de Crestuma.

"Olhando para trás, só lamento que tenha sido feito um investimento tão avultado neste sítio e Crestuma e Lever não tenham usufruído de contrapartidas. Se calhar, não aconteceu por causa dessas "guerras". A EDP fez a obra, arrumou as

trouxas, foi embora e nós ficámos a olhar por um canudo. Não fizeram uma rua em Crestuma nem em Lever, o bairro da barragem ficou abandonado e nem deu as casas às freguesias. Se a barragem fosse feita hoje, se calhar o campo de futebol fazia-se em meio ano. Há sempre contrapartidas que as grandes obras proporcionam. Lamento que tudo tenha sido feito assim. Estas coisas estão esbatidas. Aliás, tenho um bom relacionamento com o presidente da junta de Lever e tenho lá família", completa José Ferreira.

"A barragem era para ser feita em Crestuma, mas o terreno não o permitiu e então foi feita em Lever. Quando o problema surgiu já era tarde. Quem disser que os diferendos estão sanados está enganado. A maior parte da população não liga a isso, mas há pessoas que não se esquecem, porque isso foi uma ofensa para os leverenses", opina Manuel Gama.

"Todos sabemos que a barragem fica totalmente localizada em Lever, até temos um protocolo feito com a EDP em relação ao miradouro. Como presidente de junta não fico satisfeito com o nome que a barragem tem, porque a documentação diz que ela está em Lever", finaliza o presidente da junta leverense.

Em suma, fica provado que esta questão nunca deixará de estar registada na história do concelho e junto das pessoas locais. As gerações mais jovens pouco ligam a isto, mas é certo que o diferendo ainda paira nas mentes dos que viveram a situação de perto. Grave demais para não ser lembrado, espera-se que este diferendo sirva de referência para ser evitado no futuro. Até porque são feridas que tarde ou nunca saram.

TT

